

**OS SONHOS DA CIDADE: A MODERNIDADE E OS JORNAIS
AMAZONENSES NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Jordana Caliri *

RESUMO

A cidade de Manaus no final do século XIX e início do século XX passou por uma série de transformações em seu espaço urbano, devido ao período conhecido como *boom* da borracha. Para que essas mudanças se efetivassem, não só no espaço urbano como também no cotidiano de seus habitantes, o papel da Imprensa foi de fundamental importância, na medida em que esta era veiculadora de imagens e representações sobre a modernidade e o progresso, almejados pela elite e setores governamentais. O artigo também procura recuperar o papel do leitor desses periódicos enquanto agentes nesse processo.

Palavras-chave : Cidade, Imprensa, Modernidade, Representações.

ABSTRACT

The city of Manaus in the late nineteenth and early twentieth century went through a series of transformations in its urban area, due to the period known as the rubber *boom*. For these changes can be to put into effect, not only in urban space but also in the daily life of its inhabitants, the role of the press was crucial, since this was a vehicle for images and representations of modernity and progress, desired by the elite and government sectors. The article also seeks to recover the role of the reader these periodicals as long as agents in this process.

Keywords: City, Press, Modernity, Representation.

A cidade de Manaus no final do século XIX e início do século XX passou por uma série de mudanças em seu espaço urbano. Podemos citar entre essas mudanças o alargamento de ruas, embelezamento de praças e monumentos e demolição de prédios para constituir-se como uma cidade “moderna”, fruto dos anseios de uma elite ligada ao

* Aluna do curso de mestrado em História da Universidade Federal do Amazonas sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro. E-mail: jcaliri@hotmail.com

comércio internacional da borracha, sendo que este movimento de reordenamento do espaço urbano também acontecia em várias capitais brasileiras e tinha a cidade de Paris como modelo.

A prosperidade começaria a mostrar-se em Manaus na última década do século XIX. A renovação dos prédios públicos, as construções monumentais, os aterros e desaterros, a abertura de ruas e avenidas foram acompanhadas pela incorporação, em alguns casos pioneira, de tecnologia urbana moderna como o sistema de bondes, a iluminação elétrica, a comunicação telefônica, sistema de galerias para drenagem de águas e esgotos, além da abertura de espaços destinados ao lazer refinado, hipódromo, teatro, clubes, etc. (PINHEIRO,2001:30).

Esse conceito de modernidade idealizado pelos setores dominantes das cidades está articulado ao conceito de cultura enquanto civilização, enquanto progresso e fruto de uma sociedade capitalista industrial. Dessa forma, para que a cidade se constituísse enquanto uma cidade moderna, além de adotar os símbolos e emblemas próprios do progresso, teria que deixar pra trás o passado que era considerado atrasado e retrógrado.

Essas mudanças ocorridas na cidade de Manaus necessitaram da atuação de vários órgãos e setores do governo para a sua implantação efetiva, na medida em que elas deveriam atuar também na vida das pessoas, em sua cultura e em seus costumes. Podemos citar entre esses órgãos e setores, a polícia, a educação, os médicos sanitaristas e particularmente a atuação da imprensa. Todos corroborando para a criação de um discurso de modernidade que deveria suplantiar as características regionais da cidade de Manaus. Esse discurso era voltado para o progresso, à ordem e ao mesmo tempo era excludente, considerando que deixava de fora uma parte da população.

Destacamos o papel da Imprensa enquanto fruto da modernidade e agente atuante na construção desse discurso, pois nessa época, além da consolidação da imprensa como empresa, também tivemos um grande número de jornais diários ou pequenas folhas que atuaram na cidade de Manaus no papel de veiculadores de imagens e reguladores da vida dos habitantes. Como observa Heloísa Cruz:

A Imprensa periódica vira moda e transforma-se no principal produto da cultura impressa e o periódico emerge como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais ainda no ambiente da Metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos. A pequena imprensa de folhas e revistas aproxima o jornalismo do cotidiano da vida urbana (CRUZ, 2000:71).

Para compreender o impacto que esses jornais causaram na vida das pessoas que habitavam na cidade, além de descrever a trajetória sobre a Imprensa no Amazonas, precisamos situar esses jornais no contexto socioeconômico em que estavam inseridos. Como afirma Heloísa Cruz:

O jornal e a revista e outros veículos impressos não nasceram prontos(...)nesse processo de configuração dos veículos, seus conteúdos e formas, sobre como deve ser feito e o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço conflituoso sobre o fazer imprensa a cada momento histórico (CRUZ, 2007: 259).

De acordo com Marshall Berman, ser moderno é viver em contradição, ao modo que todas as experiências estão impregnadas do seu oposto. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1999)

A cidade é um lugar onde a cultura está presente através das interações entre seus habitantes, que pertencem a diferentes classes sociais. De acordo com Sandra Pesavento, a cidade é o espaço por excelência para a construção destes significados, expressos em bens culturais (PESAVENTO, 1995).

Dentro desse espaço onde os bens culturais são construídos, modificados e interagem entre os diferentes níveis sociais, não podemos pensar em cultura como uma unidade estática que é apropriada por um determinado grupo social e simplesmente imposto a outros grupos de forma direta e hegemônica. Pensamos a cultura como um espaço dinâmico de interação entre os diversos grupos sociais. Como afirma Thompson:

uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um sistema (THOMPSON, 1975:17).

Dessa forma consideramos que a cidade moderna, higiênica, ordenada e harmoniosa apresentava-se como uma representação dentro de um universo cultural mais amplo que apresentava outras percepções e olhares sobre essa mesma cidade, algumas vezes até antagônicos, uma vez que alguns setores da sociedade resistiram a

esse processo de remodelamento do espaço urbano e descaracterização da cultura regional. Portanto, esse imaginário social que se queria estabelecer na cidade apresentava entre suas representações o ideal de cidade moderna, fortemente vinculada a um discurso produzido pelo governo e elite da cidade, tendo como grande órgão veiculador a Imprensa.

Para Chartier, dois conceitos são fundamentais para a compreensão da sociedade: as representações e as práticas culturais. A representação é a relação entre uma ausência e uma presença, visto que esta passa a ser a figura do que é representado:

A relação de representação – entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga – traça toda a teoria do signo do pensamento clássico(...)por um lado, são essas modalidades variáveis que permitem discriminar diferentes categorias de signos (...) e caracterizar o símbolo por sua diferença com outro signo (CHARTIER, 2002:185).

Sobre o imaginário, Jacques Le Goff, em seu livro *O Imaginário Medieval*, afirma que o imaginário costuma ser confundido com a representação. No entanto, o imaginário, apesar de pertencer ao campo da representação, constitui-se como a sua parte não apenas reprodutora, mas criadora e poética. O autor também afirma que o

imaginário caracteriza-se por apresentar imagens concretas, e que a realidade considerada assim pelo homem é o próprio imaginário. Dessa forma, tudo pode ser submetido a uma leitura do imaginário.

as imagens que interessam ao historiador são imagens colectivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e formam-se, modificam-se, transformam-se. Exprimem-se em palavras e temas. São-nos legados pelas tradições, passam de uma civilização a outra, circulam no mundo diacrônico das classes e das sociedades humanas. E pertencem também à história social sem que, no entanto, nela fiquem encerradas(...) o imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenómeno colectivo, social e histórico. Uma história sem o imaginário é uma história mutilada e descarnada (LE GOFF, 1994:16).

Para Le Goff, estudar o imaginário de uma sociedade é mergulhar na consciência e na evolução histórica. No entanto, faz uma crítica aos estudos que deslocam-se para o irracional e para o psicanalítico¹, tendo em vista que os modelos do imaginário são do âmbito da ciência. (LE GOFF, 1984)

¹ O autor cita Gilbert Durand em *as estruturas antropológicas do imaginário*.

O filósofo Cornelius Castoriades afirma que existe uma potência de criação presente nas origens da sociedade, que não podem ser explicadas nem por fatores biológicos, nem naturais ou lógicos. Essa potência de criação, *vis formandi*, é imanente aos seres humanos em geral e é chamada pelo autor de imaginário social constituinte, tendo a partir daí a recriação do real:

Uma vez criadas, tanto as significações imaginárias sociais como as instituições se cristalizam ou se solidificam, e é a isso que eu chamo de imaginário social instituído. Esse assegura a continuidade da sociedade, a reprodução e a repetição das mesmas formas que doravante regulam a vida dos homens e que permanecem presentes enquanto uma transformação histórica lenta ou uma nova criação maciça não vem modifica-las ou substituí-las radicalmente por outras (CASTORIANES: 88).

Castoriades afirma que a história da humanidade é a história do imaginário e suas obras. Tal afirmação evidencia a importância desse conceito para o estudo da humanidade, dado que esse imaginário cria as instituições.

Com o devido referencial teórico acerca dos conceitos sobre representações e imaginário, podemos partir para essas imagens que eram veiculadas por jornais publicados na cidade de Manaus, no início do século XX. Vale lembrar que estes periódicos eram constituídos dentro de uma realidade social específica e que alguns possuíam uma clara vinculação com os setores dominantes, seja através de seus discursos, seja através de uma ligação entre seus produtores e o governo, como era o caso dos grandes diários. Dessa forma, os anseios das elites poderiam se tornar realidade através das páginas dos jornais.

Uma das características presentes nos jornais para a constituição dessa imagem foi que diversos jornais apresentavam seções dedicadas a detalhar todos os eventos sociais ocorridos na cidade, criando um ambiente que traduzia-se na cidade bela, rica, harmoniosa e principalmente onde não haviam conflitos sociais. A cidade era vista como um ambiente de grande efervescência cultural, tendo em vista o grande número de artigos referentes a bailes e festas, e frequentados por pessoas ilustres da sociedade, ou seja, o jornal ajudava a passar a imagem de uma cidade sem perturbações, palco de grandes bailes e eventos sociais.

Inclusive, podemos destacar a criação de jornais que limitavam-se a tratar desses eventos, como o jornal “*A Platéia*”, o qual destinava-se ao público que

comparecia ao Teatro Amazonas, tendo em suas colunas notícias sobre peças, comentários de peças, resumo de óperas e outras notícias sobre o Teatro.

Esse jornal foi publicado no ano de 1907, constou de 14 números e tinha como proposta “trazer o público frequentador do teatro a par do movimento artístico”. Esse periódico, portanto, vem demonstrar um lado da sociedade constituído por pessoas distintas e influentes, ao mesmo tempo em que procurava exaltar a vinculação com padrões europeus. Fazendo uma relação com as palavras de Nicolau Sevcenko, quando este descreve alguns símbolos da modernidade presentes na Capital Federal no mesmo período: *Além dos jornais e revistas mundanas, outra fonte de assimilação dos mandamentos sempre fugazes do gosto era o teatro, mormente o das companhias estrangeiras, as francesas em primeiro lugar* (SEVCENKO, 2001).

Logo, percebemos no periódico a importância da sua vinculação com o teatro para a assimilação de certos padrões por parte da sociedade. Principalmente com o estabelecimento durante algum tempo de uma companhia francesa no Teatro Amazonas, a Companhia Franco, que foi responsável pela montagem de peças importantes no Estado, como *Carmem* e uma montagem em francês da ópera *O Guarany*, a qual o jornal fez questão de divulgar por diversas vezes a sua repercussão, inclusive em nível nacional, visto que foi a primeira vez que esta era apresentada no Brasil na língua francesa.

Outro símbolo da modernidade expresso nos jornais era a moda, sendo esta uma imagem recorrente seja através de notícias, seja em ilustrações ou em propagandas. Inclusive alguns jornais dedicavam diversas seções para dissertar sobre as roupas usadas pela população constituída pela elite manauara. Muitas vezes os autores de algumas notas criticavam alguns indivíduos por estarem utilizando tal tipo de roupa, e não raro encontramos referências ao estilo europeu.

Visível também foi o tipo físico que os periódicos caracterizavam, descrevendo um tipo padrão de beleza, que remetia a referências que não eram típicas da região, principalmente em relação à figura feminina, criando assim um estereótipo de cidadão para a “Manaus Moderna”, onde seu estilo de vestir e agir passariam a ser caracterizados. Notamos aí a ausência da figura regional do índio, do caboclo e do mestiço.

Destacamos a figura feminina como outro símbolo da modernidade, e sendo esta outra marca constante nos jornais amazonenses do período, tanto nas descrições de perfis femininos quanto em cenas do cotidiano. Além de diversas fotografuras que mostravam algumas figuras importantes da sociedade, além disso, também notamos a presença de diversos concursos para mulheres feitos pelos jornais. Entre esses, por exemplo, *a mulher mais chic*, *a mulher mais elegante*, *a mulher mais bonita* e outros.

Outra característica importante que notamos foi a constante referência à língua estrangeira, a qual notamos em alguns artigos a utilização por diversas vezes de algumas expressões em francês. Um exemplo disso é a denominação muitas vezes constante das moças de *mademoiselle*. Inclusive, algumas seções de jornais foram editadas todas na língua francesa.

Mônica Velloso em sua participação no livro *O Moderno em Revistas*, descreve como as fotografias e ilustrações ajudam a constituir a cidade desejada pelos setores dominantes, visto que a fotografia pode ser entendida como uma narrativa visual que acompanha a narrativa escrita presente nos jornais. A autora afirma que *as imagens fotográficas associavam as transformações da capital a um certo "heroísmo" da burguesia republicana* (VELLOSO, 2010).

Dessa forma, as fotografias ajudavam a consolidar imagens como a imponência dos prédios em contraste com o tamanho dos indivíduos que andavam pelas ruas, a imagem da mulher como símbolo da beleza, as casas da classe média urbana sempre como expressão do bucólico e do pitoresco. Portanto, as fotografias são frutos de uma sociedade e sua subjetividade, pois eram também transmissoras de imagens que representavam o anseio de uma parcela da sociedade.

Outra dimensão importante a ser resgatada no trabalho com os periódicos em Manaus no início do século XX é o público alvo dos jornais: os leitores. Considerando aqui o texto não só como resultado do trabalho dos construtores desse discurso, como também resultado de leituras feitas por pessoas de diferentes classes sociais. Além de fazer um mapeamento para saber quem eram esses leitores, é importante também saber de que forma esses leitores se apropriavam dessas narrativas, concebendo que as mesmas eram apreendidas de formas diferentes dentro de um determinado espaço social e cultural. Como afirma Barbosa:

Reconstruir essa leitura, é, sobretudo, apreender a lógica da narrativa – de forma simbólica – num espaço cultural onde o leitor se insere. Remontando essas formas de apreensão do texto num espaço social demarcado e as formas simbólicas de sua apreensão estaremos reconstruindo a leitura (BARBOSA, 2000:198).

Na cidade de Manaus, no início do século XX, além de poucas pessoas serem alfabetizadas, encontramos a questão da tradição oral, que predominava na região e estava relacionada com a cultura dos povos indígenas. Maria Luiza Ugarte Pinheiro, em sua tese *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*, afirma que para a consolidação da Imprensa no Amazonas não precisamos determinar essas duas características como antagônicas, como se uma estivesse para superar a outra. Ao contrário, percebe-se no interior do periodismo mediações com o universo oral local.

Além disso, Marialva, em seu estudo sobre o poder da Imprensa no Rio de Janeiro, demonstra que esses jornais não eram apenas lidos como também ouvidos, em um momento em que as pessoas se reuniam em grupos para ler os jornais, e, dessa forma, não era necessário saber ler para se apropriar da escrita dos jornais.

Não é fácil recuperar a quantidade de leitores em cada jornal e como estes estavam inseridos na sociedade, mas um caminho para tentar fazê-lo é através das tiragens do jornal e através das cartas enviadas por leitores, sendo este número supostamente multiplicado pelo número de pessoas que ouviam o jornal.

Alguns jornais diários, apesar da clara vinculação com a elite local, autointitulavam-se como populares e adotavam estratégias para aproximar o leitor que pertencia às classes pobres, como é o caso da criação de seções destinadas às reclamações do cotidiano do povo, com certo cerceamento sobre o que deveria ser publicado.

Dessa forma, apesar do discurso veiculado através dos jornais apresentar um conceito de modernidade que excluía uma parcela da população, podemos dizer que através desses mecanismos de aproximação com a classe pobre, uma parte desta se sentia inserida nos periódicos e fazia uma leitura de acordo com a sua própria visão de mundo.

Percebe-se nas crônicas e, sobretudo, nas cartas e nas colunas quase uma obrigatoriedade no ato de ler os jornais. Ler significa estar informado sobre a realidade. Representa a inserção no mundo, a participação nos dramas cotidianos, na vida da cidade e na realidade mitificada por aquelas páginas. Ler, ainda que fosse ouvindo, é estar no mundo. Através do texto fantasia-se

a realidade, cria-se um novo mundo, simbólico, reimaginado, a partir de uma apropriação particular de mensagens (BARBOSA, 2000:215).

Chartier, ao estudar as formas com que o escrito impresso modificou as formas de sociabilidade nas sociedades do Antigo Regime, utiliza um conceito de grande importância para a compreensão do seu estudo: a noção de apropriação. De acordo com esse conceito, os mesmos materiais, ideias, textos, são apropriados de formas diferentes e produzidos por práticas específicas em uma determinada sociedade. Assim, a leitura não é somente uma abstração, é uma inserção no espaço, daí a necessidade de se reconstruir as maneiras de ler de cada comunidade de leitores (CHARTIER, 1990).

Pensar deste modo às apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturante os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. O acto de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los (CHARTIER, 1990:136).

Dessa forma, não podemos afirmar que o discurso veiculado também através dos jornais, referente à cidade moderna, higiênica, ordenada, fosse apropriado por seus leitores de modo igual e hegemônico. Uma vez que na cidade, também havia pobreza, sujeira, desordem e outras características que não condiziam com a cidade moderna, e nela habitavam trabalhadores, mulheres, caboclos, mestiços, negros, indígenas que possuíam diferentes concepções de vida e de mundo.

Considerações Finais

Podemos concluir que a Imprensa teve um papel fundamental na divulgação dos ideais de progresso e modernidade, sendo estes, frutos do desejo das elites que faziam parte da cidade de Manaus. Em suas fotogravuras, em suas reportagens sobre a efervescência cultural, em suas críticas aos comportamentos tidos como retrógrados ou mesmo na ausência dos elementos regionais, podemos perceber a atuação da Imprensa na constituição da cidade moderna, higiênica, ordenada e sem conflitos sociais.

Apesar do poder da Imprensa enquanto formador de opiniões e veiculador de imagens, não podemos deixar de considerar o papel do leitor nesse processo. E consideramos aqui o leitor enquanto agente, pois podemos concluir que a apropriação desses cidadãos era de forma diferenciada, pois eles possuíam visões de mundo diferentes de acordo com a realidade em que estavam inseridos.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio : imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro Vício de Leitura, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar : a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASTORIADES, Cornelius. Imaginário e imaginação da encruzilhada. In: *Do Mundo da Imaginação à Imaginação do Mundo*. Fim de século.

CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia : a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro : Ltc, 1989

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Portugal: Editorial Estampa, 1994.

PESAVENTO, Sandra J. Muito além do Espaço: Por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro. 1995

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo, PUC-SP, 2001.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1889-1925*. Manaus: Valer, 2001.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VELLOSO, Mônica P.. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In : *O Moderno em Revistas*, Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

Recebido em 14 de fevereiro de 2013/
Aprovado em 02 de junho de 2013